Ano. 28° | Sábado, 20 de Julho de 1935 | N.° 1380

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitania
Rua Eça de Queirós, n.° 3 - AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro
Toda a correspondência deve ser dirigida ao director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto — Agencia Havas

O capital em face das crises de trabalho

Comecêmos por transcrever o artigo 17.° do Estatuto do Trabalho Nacional:

"As emprezas não são obrigadas a fornecer trabalho que a sua direcção repute desnecessário ao plano da exploração. Nas crises de trabalho, porém, deverão cooperar com o Estado e com os organismos corporativos na adopção de medidas conformes com o bem público."

Considerado como um dos elementos solidários da actividade económica, não póde o capital deixar de ser o titular de direitos e de obrigações correlativas.

Tem a legislação de lhe garantir a própria segurança que é indispensável para que o seu concurso se exerça em circunstâncias proveitosas ao bem comum.

Quando o terrorizam, sob uma carga fiscal excessiva ou pela incerteza da própria conservação, instintivamente o capital retrai-se ou escôa-se. Umas vezes expatria-se, outras vezes esconde-se, mas, em qualquer das hipóteses, deixa de colaborar na actividade produtiva. E onde o capital falta imediàtamente se estancam as fontes de trabalho.

Assim, no próprio interêsse do trabalho, ainda que não estivesse em jôgo o interêsse geral da economia pública, seria necessário acautelar os direitos do capital, a relativa liberdade de determinação que não póde deixar de se lhe conceder dentro dum justo e razoável equilíbrio económico.

Integrando-se nêsse espírito, a disposição que estamos analisando consigna, antes de mais nada, um princípio que é uma directa resultante daquêle preceito do Estatuto do Trabalho Nacional que reconhece aos donos do capital o exclusivo da direcção das emprezas.

Desde que a direcção lhes incumba não póde deixar de lhes incumbir a elaboração dos planos de exploração. E o plano de exploração é que determina as possibilidades de trabalho.

Não póde, dentro da economia dêste sistema, absolutamente, irrepreensivelmente lógico, exigir-se que uma empreza forneça trabalho que seja desnecessàrio à execução de um bom plano de actividade.

Êsse trabalho inútil, que não concorreria eficazmente para a prosperidade da empreza, significaria, pura e simplesmente, uma dádiva ou um subsídio.

Ora não parece legítimo transformar as emprezas em organismos de assistência social.

Cada coisa deve desempenhar a função para que foi criada e as emprezas agrícolas, comerciais ou industriais são actividades económicas de fins utilitários em que o capital é investido para procurar a competente remuneração do seu esfôrço.

O fim da exploração é produzir. Criar trabalho é uma simples conseqüência, muito embora directa e fatal, duma produção cuja finalidade originária permanece no lucro.

Não póde substituir-se o acessório ao principal, imaginar-se justo ou sensato impôr às emprezas que excedam as suas possibilidades, ou se desviem da linha lógica dos seus planos de exploração para fornecerem um volume de trabalho que não esteja de harmonia com os recursos da exploração, com a capacidade do mercado ou com outro qualquer dos inúmeros factores com que um plano de produção tem infalivelmente de contar.

Só à direcção das emprezas que pertencem aos donos do capital é que póde incumbir a determinação do trabalho que pódem fornecer.

Isto não quere dizer que o capital se possa desinteressar das crises de trabalho e que deixe de concorrer para as suavizar, colaborando, como determina a segunda parte do artigo 17.°, com o Estado e com os organismos corporativos na adopção das medidas oportunas que o bem público impuzer.

Para que se verifique essa cooperação não será preciso impôr violentamente ao capital a introdução da anarquia dentro das suas explorações.

Bastará o interêsse próprio, quando bem entendido, para lhe aconselhar que facilite quanto possa facilitar, no sentido de ajudar a resolver essas crises de trabalho, revendo os seus planos de exploração dentro dum espírito de cooperação social.

Se algum dos factores da produção tem, por temperamento, o gôsto da tranqüilidade e da segurança — é certamente o capital.

E o capital não se sente sossegado onde as crises de trabalho inquietam a paz social.

Tanto basta para que se confie numa vontade de cooperação que é e não póde deixar de ser puramente instintiva.

Efemérides

20 de Julho

1799 — É executada em Nápoles a nossa compatriota Leonor da Fonseca Pimentel, por escritos a favor da liberdade italiana.

1865 — Nasce em Gouveia o jornalista republicano Fernão Bôto Machado.

DRAGA

Para abrir caminho aos navios que no outono regressam dos bancos da Terra Nova, é esperada de Lisboa a Draga *Dr. Oliveira Salazar*, que trabalhará no canal existente entre S. Jacinto e o ancoradouro da Gafanha.

As empresas de pesca, interessadas no trabalho, ofereceram à Junta Autónoma um rebocador para transporte das lamas.

Palácio da Independência

—o—

Em todo o país estão constituídas comissões para angariar fundos destinados à compra do palácio onde se reüniram os conjurados de 1640, que restituíram a Portugal a sua independência, arrancando-o ao jugo de Castela.

A de Aveiro é composta das seguintes entidades:

Governador civil, presidente da Câmara, presidente da Junta Geral, comandantes de Cavalaria 8 e Infantaria 19, juízes de Direito das duas varas, delegado do Procurador da República, Reitor do Liceu, Inspector Escolar, director da Escola Industrial e presidente da Academia.

A ideia é interessante. E afigura-se-nos viável.

O Democrata *vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal — AVEIRO*

UMA RAZIA

—o—

De 35 candidatos que requereram exame para manipuladores auxiliares dos correios e telegrafos apenas 12 foram admitidos às provas oraes.

E ainda é capaz de não ser tudo...

A caminho...

—o—

Segundo Gaxotte no *Je sui partout*:

«O problema de regimen vai surgir em França exatamente nas mesmas condições que em Itália, na Alemanha, em Portugal, na Austria e na Hungria. É um fenómeno geral e isso acabará como acabou nas nações dos nossos mais próximos visinhos.»

Pois decerto. Compreende-se já parlamentos para derimir questões pessoais e tratar de todos os interêsses menos os que asseguram o progresso das nações!

Laval já começou a usar dos poderes excepcionais que lhe fôram conferidos com um voto de confiança. Sinal de que a coisa vai, embora devagarinho...

Dreyfus

—o—

Eis um nome que há 30 anos deu que falar, sendo discutidíssimo em todo o mundo.

Alfred Dreyfus era, então, capitão de artilharia, surgindo contra êle a acusação de ser autor de um documento, designado por *bordereau*, em que se comunicava a um agente estrangeiro a remessa de documentos militares. Prêso por êsse delito e julgado, secrètamente, em Conselho de Guerra, foi, por unanimidade, condenado a exautoração e degredo na chamada Ilha do Diabo. Várias pessoas, porém, considerando-o inocente, iniciaram uma veemente campanha a favor da sua rehabilitação.

O movimento espalhou-se por toda a França e o certo é que um outro militar — o comandante Esterhazz — teve também de comparecer perante o Conselho de Guerra, mas saíu absolvido.

Novos protestos se produziram, agora mais violentos, tendo as ruas de Paris sido teatro de veementes manifestações populares.

Emile Zola, célebre escritor, coloca-se na vanguarda dos defensores de Dreyfus e escreve o vigoroso panfleto — *J'acuse!* — que produz a maior sensação pelas afirmações nêle contidas. Têmo-lo ali, guardado na nossa estante, como recordação.

A atitude enérgica do famoso romancista é, todavia, considerada criminosa pelos tribunais que o condenam a um ano de prisão e 3.000 francos de multa, pena que não chega a cumprir devido a ser anulada a sentença. E um outro facto novo aparece: o tenente-coronel Henry, importante testemunha de acusação no processo Dreyfus, faz a confissão de que fôra êle quem forjara um documento apresentado pelo ministro Cavaignac no seio da Assembleia Nacional com o fim de provar a traição de Dreyfus!

Esta sensacional revelação anima os defensores do condenado a quem uma odiosa cabala, como se está vendo, urdida por motivos políticos, atirara para a Ilha do Diabo, os quais, através de tudo, prometem ir até o fim, tanto mais que, prêso o tenente-coronel, não tardou a suïcidar-se no forte do Mont-Valérien, onde fôra internado.

Este estranho acontecimento trouxe como conseqüência outra anulação de sentença: a proferida contra Dreyfus, que, comparecendo perante novo Conselho de Guerra, em Rennes, foi outra vez condenado, embora visse reduzida para dez anos de prisão a pena, que depois o presidente da República, Emile Loubet, indultou.

Mas os amigos do capitão

Coímbra-Aveiro

—o—

Está-se preparando na cidade do Mondego uma excursão que nos deve visitar no dia 28 — de àmanhã a oito dias — fazendo o trajecto em combóio especial.

Calcula-se que farão parte dela umas 400 pessoas tal o número de lugares que já se acham tomados.

Dóca do Cójo

—o—

Começou esta semana a ser demolido o muro do cais para aproveitamento da pedra no que está sendo levantado segundo o novo alinhamento.

O que vai perder muito com esta obra é a estética do edifício onde se acha instalada a Capitania do Porto. Mas que fazer se não cabem dois proveitos num saco?

Póde ser ainda que depois surja alguma ideia tendente a melhorar as condições em que fica o referido prédio. Póde ser. E sendo assim cá estaremos para a aplaudir no c so de merecer a aprovação da cidade.

O TEMPO

Agora, sim, chegámos ao verão, tendo-se nos últimos dias registado as altas temperaturas, que fazem bufar e transpirar e procurar, na frescura, o regalo do corpo. São, por isso, muito freqüentados: de dia o Parque, uma das melhores obras camarárias que honram a cidade e esta deve ao dr. Lourenço Peixinho; à noite o Rossio e a Avenida Central, essa grande artéria de um quilómetro, que, indo do Côjo até ao caminho de ferro, é bafejada pela brisa do mar em toda a sua extensão, impondo-se, hoje, como dos passeios mais agradáveis de Aveiro. Só lamentamos que a iluminação seja ainda tão deficiente. Mas como Roma e Pavía não se fizeram num dia, temos esperança de que Lourenço Peixinho há-de remediar o mal o mais cêdo que lhe seja possível.

Sim; porque o que êle não fizer como presidente da Câmara atilado, empreendedor e activo, não o fará mais ninguém.

Convençam-se.

: Visitai o Parque :

Felizes cavalos!

Na Hungria acaba de ser levantado um monumento ao *Cavalo Desconhecido*!

Esta notícia veio nos diários, havendo quem ache justíssima a homenagem, que, todavia, não deve ser transplantada para Portugal onde o número de cavalos é infinito.

Mas isso são os conhecidos...

Visitantes

São cada vez em maior número os visitantes à nossa terra nesta época do ano.

Assim, no domingo, quer em camionetes, quer de automóvel, quer pelo caminho de ferro muitas fôram as pessoas que aqui vieram passar o dia, dando à cidade desusado movimento.

Alguns dos turistas, porém, estranhavam não haver lanchas para alugar, tendo os mais desejosos de passear na ria utilisado barcos grandes, sem conforto nem comodidade, aonde partiram a gosar a fresquidão do vasto estuário.

Nós inclinâmo-nos a que se na cidade se organizasse uma emprêsa de gazolinas ganhava dinheiro. Porque, tendo a nossa ria muito que ver e admirar, não regateariam, os que por ela são aqui atraídos, mais alguns escudos desde que não se ultrapassasse os limites do razoável, como deve ser norma de quem não deseje viver à margem de ignóbeis explorações.

A lancha do Turismo é um meio de transporte admirável, mas para pouca gente torna-se caro. Porque não há-de, pois, haver na ria lanchas mais pequenas para dez pessoas, por exemplo, que facilitem, tanto aos aveirenses como aos estranhos, o gôso dos nossos canais em todas as direcções e na máxima extensão?

Já alguém p nsaria nisso?

E' possível. Só falta, portanto, aparecer quem meta ombros à emprêsa que, como atraz deixámos dito, se nos afigura vantajosíssima.

Aos srs. capitalistas recomendamos o assunto.

Morte dum bispo

—o—

Faleceu a semana passada em Bendufinho, concelho da Póvoa de Lanhoso, o sr. D. Francisco Vieira de Sousa e Brito, bispo de Lamego, que contava 85 anos de idade.

Sendo formado em Direito pela Universidade de Coímbra, começou por exercer a advocacia nas comarcas de Aveiro e Ovar, donde mais tarde teve de deslocar-se para assumir as funções de vigário geral da diocese de Coímbra.

A quando estudante têve por condiscípulo João Franco, que, duma vez, lhe disse por gracejo:

—Se um dia fôr ministro, façote bispo.

E o certo é que, ascendendo João Franco às culminâncias do Poder, não se esqueceu e cumpriu a promessa, nomeando D. Francisco de Brito bispo de Lamego — a terra do bom presunto.

Eram excelentes — os amigos doutros tempos.

Na Terra Nova

Nada menos de dois desastres acabam de atingir a nossa frota bacalhoeira que, devido a êles, se acha desfalcada, presentemente, em duas das suas unidades.

O primeiro deu-se do dia 3 do corrente e motivou-o um navio de pesca francês, que, indo de encontro ao *Ilhavense II*, lhe produziu grossa avaria além da morte do môço Manuel Ferreira, da Gafanha da Nazaré, e ferimentos em alguns dos outros tripulantes, registando-se o segundo a semana passada pela perda total do lugre *Santa Joana* devorado por um incêndio.

Sinceramente lamentamos êstes sinistros, que tanto devem afectar a economia das emprezas.

"SALINEIRAS DE AVEIRO"

Exibiu-se domingo, de tarde e à noite, no Palácio de Cristal, no Pôrto, êste rancho da nossa terra, cujas dansas e canções agradaram.

Amanhã deve seguir para a Covilhã onde vai abrilhantar os grandiosos festejos que ali se realisam com desusada pompa e no domingo seguinte toma parte, como já dissémos, nas *Festas do Bôdo*, em Pombal.

A Comissão de Turismo da Covilhã prepara ao rancho de Aveiro carinhosa recepção.

* * *

Na montra da *Casa Osório*, no Largo 14 de Julho, tem estado exposta a nova bandeira do grupo de que é madrinha a sr.ª D. Armanda Gonzalez e cuja pintura pertence ao nosso conterrâneo João Marques de Oliveira, artista-pintor da *Fábrica Aleluia*.

Tem sido muito admirada.

Uns negam, mas outros afirmam...

O *vigilante das capoeiras de Cacia* não quiz deixar de exteriorisar a sua satisfação perante o que deliberou, a nosso respeito, o Supremo Tribunal de Justiça e nessa conformidade fez espalhar aos quatro ventos a notícia de que nos fôra negado o recurso.

Realmente assim sucedeu. Acontece, porém, que enquanto uns negam, outros afirmam coisas como estas:

Bernardo Marques de Moura, de cincoenta e sete anos de idade, casado, natural da freguezia de Cacia e residente em Frossos, vem declarar que na noite de sete do mez de Maio de mil novecentos e vinte e seis, a sua casa comercial que ao tempo possuia em frente ao Apeadeiro de Cacia foi assaltada por Manuel de Oliveira Santos e outros, para o que arrombaram a montra donde roubaram vários artigos do seu comércio.

Do facto dei queixa na Policia de Aveiro pelo que o arguido foi preso, tendo eu a pedido de Augusto Luiz Marques Peça e de José Cordeiro de Jesus, me desinteressado da sorte dos assaltantes, mediante a entrega do roubo e de uma indemnisação de quinhentos e vinte escudos, para reparação dos danos causados no meu estabelecimento pelo arrombamento. Resalvo a entrelinha supra que diz "de Cacia"

Frossos, 27 de Agosto de 1930.

a) Bernardo Marques de Moura.

O *vigilante das capoeiras de Cacia* poder-nos-há dizer quem é aquêle Manuel de Oliveira Santos a quem esta declaração se refere? É que são tantas as proêzas que lhe atribuem, do género da que fica narrada, que basta escolher, dentre elas, só meia dúzia para pôr de ataláia... a polícia da cidade.

Como se vê, não podia vir mais a propósito o que uns negam e outros afirmam...

Pró-Bombeiros

Com bastante concorrência — vá lá! vá lá! — efectuou-se o festival no Jardim em benefício da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários ao qual deram o seu concurso a *Banda Amisade* e o rancho *Tricaninhas da Mocidade*, que o público aplaudiu, bisando alguns números do programa.

Tanto a Banda, sob a regência de Alfredo Leal, como o rancho, ensaiado por Firmino Costa, têm feito progressos. Os córos do rancho estiveram afinados e os sólos cantados por Armanda Carvalho e Nuno Meireles mereceram as honras da noite.

Com muito prazer o constatamos.

* * *

A favor do cofre da Companhia Voluntária S. P. Guilherme Gomes Fernandes também se deve realisar na tarde do dia 28 do corrente um festival no mesmo recinto em que tomará parte a banda daquela corporação e o *Rancho da Praça*, de Vila do Conde.

Passeio fluvial

—o—

Ficou transferido para 4 de agosto o que devia efectuar-se no último domingo, organizado pelo *Club dos Galitos*, e que tem como objectivo uma visita às obras da Barra, seguida de *pic-nic* na mata de S. Jacinto.

Consta-nos que acompanhará os excursionistas uma banda de música.

Chegaram as cólicas...

—o—

Desde o princípio do mês que a cidade oferece maior movimento devido à presença das famílias dos estudantes, que vêm assistir aos exames. Alguns rapazes, porém, antes queriam vêr-se a sós com as suas cólicas, que já não era pouco...

Fazemos ideia...

Uma excursão de estudo e recreio pelo norte de Portugal e terras da Galiza

Em soberbo auto-car parte àmanhã para o norte do país e Espanha um grupo de operários da *Fábrica Aleluia*, desta cidade, que se faz acompanhar dos filhos do proprietário do importante estabelecimento de louças e azulejos, Gervásio e Carlos Aleluia, e ainda do director dêste jornal, que no próximo número dará uma resenha do passeio.

O itinerário é o seguinte: Aveiro, Pôrto, Vizela, Guimarães, Braga, Ponte do Lima, Valença, Tuy, La Guardia, Bayona da Galiza, Vigo, Redondela, Pontevedra, Santiago de Compostela e La Coruña, voltando a Tuy e Valença e regressando por Caminha, Viana do Castelo, Póvoa do Varzim, Pôrto e Aveiro, trajecto êste que tomará a semana completa.

Os excursionistas demorar-se-hão, de preferência, em Santiago de Compostela, cidade galêga que nos dizem ser de aspecto curioso, onde existe uma catedral e uma Universidade dignas de minuciosa visita tantas são as preciosidades que guardam no interior, as maravilhas artísticas, as belêsas arquitectónicas, enfim: as riquêsas que tornam esses dois edifícios grandes, imponentes, magestosos.

E La Guardia, com o seu histórico Monte de Santa Tecla? E Vigo com a sua baía larga, os seus edifícios elegantes, os seus jardins, as suas *calles* orladas de vistosos estabelecimentos? E La Coruña, a *cidade de cristal*, por as suas inúmeras e características galerias de cristais, que adornam as construções, nas quais reverbéra o sol, de dia, e cujas luzes, à noite, se refletem nas águas límpidas do seu porto?

A excursão da *Fábrica Aleluia* que, sob os melhores auspícios, se vai encetar daqui a 24 horas, deve, pois, proporcionar à caravana aveirense dias de inefável prazer espiritual, que são ansiosamente esperados, e cujos frutos muito devem contribuír para avivar o gôsto pelas viagens, criando adeptos da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho.*

IMPRENSA

«ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO»

Saíu o 2.º número desta revista trimestral para publicação de documentos e estudos relativos à nossa circunscrição, que é editada pelo dr. Ferreira Neves, professor efectivo do Liceu e investigador incansável de raridades.

O *Arquivo do Distrito de Aveiro*, que é impresso em bom papel e tem a esmaltar as suas páginas, nítidas gravuras, ocupa-se dos seguintes assuntos:

O «Arquivo», a Imprensa e o Público.
Recordação de Vagos.
Distâncias entre sédes dos concelhos.
Aveiro — Documentos para a história da evolução topográfica citadina.
Forais novos do distrito de Aveiro (continuação).
Paços do Concelho de Arouca.
Professor Amorim Girão.
O pintor Alipio Brandão.
Amuleto fálico da época neolítica, do Castro de Recarei.
Brazão da vila do Couto de Cucujães.
Subsídios para a história da revolução liberal de 1828 (continuação).
Dr. Alberto Souto.
A festa de S. Gonçalinho.
Paços do Concelho de Estarreja.
João Augusto Marques Gomes.
Para a história das terras da Feira, Ovar e Cabanões — Falsificação da doação de D. Fernando.
Sever do Vouga.
Paços do Concelho de Vagos.
Relembrando a Curia.
Privilégios do barqueiro de Esgueira em 1363.
Ainda a marinha de sal em Vale de Maceira.
Indústrias do distrito — Fábrica de papel do Caima.
Bibliografia.

Por êste sumário se vê quanto a revista de que nos estamos ocupando deve impôr-se à aceitação daquêles que pretendam conhecer da nossa história, dos nossos costumes, de tudo enfim, que nos diz respeito. E sendo assim, continuamos a recomendá-la como leitura sãdia, proveitosa, utilitária.

Dreyfus não queriam isso porque o seu único objectivo era a reabilitação. E conseguiram-no. Após uma luta persistente, intensa, ardorosa, cheia de imprevistos, pejada de incertezas e complicações, a revisão do processo sempre se fez e o Tribunal Pleno proferiu uma sentença pela qual as acusações formuladas contra Dreyfus eram dadas como inexistentes e por conseqüência se anulava a acusação que primitivamente fôra *pronunciada por êrro e sem razão.*

Triunfára, enfim, a Justiça!

Dreyfus, reintegrado no exército com toda a solenidade, foi nomeado chefe de esquadrão e, dias depois, condecorado com a Legião de Honra.

Findara aqui o drama em que o acaso o envolvera e que tantas torturas morais e físicas lhe causaram, vivendo depois no esquècimento até que a morte o veio surpreender aos 75 anos, fazendo recordar uma época já distante de agitação em que a França se dividiu e pleiteou em volta do seu nome.

Que descanse em paz.

Êste número foi visado pela Censura

Idiotices

Apareceu aí, em lêtra redonda, a ideia de umas festas da cidade, já com programa elaborado, para serem levadas a efeito nos dias 31 de agosto, 1 e 2 de setembro.

Fez um sucesso de gargalhada. E' que festas em Aveiro ou noutra qualquer terra de categoria, na época das praias, só podiam lembrar a... um môço de padeiro.

Ele sempre aparece cada ranhôso a orientar as massas!...

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Josefina de Azevedo Carvalho, esposa do sr. José Maria dos Santos Carvalho, atualmente em Nova Lisboa (Africa Ocidental); àmanhã, a gentil tricaninha Celeste Correia; no dia 22, a sr.ª D. Maria da Encarnação Soares, professora oficial e esposa do sr. Amadeu Rodrigues da Paula; em 23, a sr.ª D. Alice de Brito T. Pinto, residente no Porto e o sr. dr. Alberto Souto, director do Museu desta cidade; em 25, a sr.ª D. Maria Lucinda Alvim de Matos, professora na escola de Alumieira e esposa do sr. tenente Joaquim de Matos; a inocente Judith da Conceição, filha do sr. Luis Manuel Rodrigues e o nosso velho amigo Crisanto de Melo e em 26, o interessante tricaninha Auzinda Freitas da Costa, filha do sr. Firmino Costa, a esposa do sr. Antonio Tavares de Sousa, o Ruisinho, filho do sr. José Pinto e o sr. dr. Julio Cristo, residente em Lisboa.

— Também no domingo esteve em festa s lar do sr. José Pacheco Furtado, 2.º sargento de cavalaria 8, por ter completado 12 ridentes primaveras sua dilecta filha Maria Odete Pereira Furtado.

— Na próxima terça-feira completa igualmente o seu primeiro ano o inocente Emanuel, filhinho da sr.ª D. Maria do Carmo Pereira Campos e de seu marido o sr. Lauro Corado, professor da Escola Infante D. Henrique, do Porto.

Um futuro venturoso desejamos ao pequerrucho.

Casamentos

Consorciou-se no domingo com a sr.ª D. Pedrina Bernardo Liborio, filha do sr. Pedro Manuel Liborio, reformado dos caminhos de ferro, o industrial sr. José Maria da Costa, sendo a cerimonia revestida da maior intimidade.

Serviram de padrinhos o sr. Frederico Nazaull Liborio e esposa, tios da noiva, que vieram expressamente do Entroncamento para esse fim.

— Na igreja de S. Gonçalo também ante-ontem se efectuou o enlace matrimonial da sr.ª D. Rosalina Machado da Silva Veiga, irmã do sr. dr. Francisco Romão Machado, com o sr. José de Oliveira Ferreira, empregado na agencia da Caixa Geral de Depósitos.

Após a cerimonia religiosa teve lugar na residencia da noiva um fino copo de agua, findo o qual os conjuges partiram para o Minho em viagem de núpcias.

Aos novos lares desejamos infindas venturas.

Partidas e Chegadas

A passar uma temporada encontra-se em Aveiro a nossa ilustre conterranea sr.ª D. Maria Luisa Mendeleite Machado, viuva do saudoso tenente coronel Antonio Machado, que há pouco fixou residencia na capital.

— Estiveram, nesta cidade os srs. Leodgário Augusto de Bastos, chefe da secção da Via e Obras dos caminhos de ferro em Evora; Humberto de Brito T. Pinto, Felisberto Rodrigues e esposa, residentes no Porto e o dr. Antonio Vicente e seu irmão Alberto, do Troviscal.

— Com sua esposa e filhos já chegou à sua casa de Esgueira, onde passará a estação calmosa, o sr. José Tavares da Silva, residente em Lisboa.

— Desde ante-ontem que se encontra entre nós, a passar alguns dias, o nosso amigo dr. Humberto Leitão, médico da Companhia Nacional de Navegação.

Um abraço de boas-vindas.

— Também do estrangeiro regressou a Lisboa, o nosso amigo Antonio da Maia, que percorreu várias terras da Holanda e esteve alguns dias na Belgica e em Paris.

— Amanhã deve partir para Cadiz afim de assistir a um congresso de medicina que ali se realisa, o coronel dr. Antonio Nascimento Leitão, nosso conterraneo e velho amigo, que se faz acompanhar da sua esposa.

Os ilustres viajantes contam depois visitar mais algumas cidades da Andaluzia.

Doentes

Em procura de alivios para os seu padecimentos, partiu, segunda-feira, para o Caramulo a sr.ª D. Isabel Mateus Ferreira Wenceslau, esposa do nosso amigo Francisco Antonio Wenceslau, alferes de cavalaria 8.

Que os ares da serra lhe restituam a saude é o que lhe desejamos.

— Tem estado de cama por via de um tumor que o impossibilita de andar, o activo comerciante da nossa praça, Antonio Ratóla.

Desejâmos o seu breve e completo restabelecimento.

Livros

«MEMÓRIAS DE UM EDITOR»

Oferecido pelo antigo livreiro de Lisboa, sr. Gomes de Carvalho, recebemos um volume de 378 páginas com o título da epígrafe e nas quais se acham descritas as memórias de Henrique Marques, já falecido, desde o seu nascimento, livro que não deixa de oferecer interêsse devido aos vários episódios nêle relatados.

Agradecemos ao amigo que tante tem enriquecido a nossa esrante mais esta prova de deferência com que se dignou distinguir-nos.

Bôlsa de Mercadorias do Pôrto

Funcionamento e finalidade destas instituições

Em dezembro de 1930 foi publicada uma lei pelo Ministério do Comércio e Indústria criando Bôlsas de Mercadorias em Portugal e instalando, desde logo, a de Lisboa, a qual foi inaugurada em junho do ano seguinte e, desde então, tem funcionado regularmente na arcada oriental da Praça do Comércio.

Mais tarde, em maio de 1933, o Govêrno decretou a instalação de uma Bôlsa de Mercadorias no Pôrto, mas a sua inauguração só a 21 de janeiro do corrente ano se pôde verificar, no Palácio da Bôlsa, onde actualmente funciona.

As Bôlsas de Mercadorias foram introduzidas em Portugal com o fim especial de constituirem locais de reunião pública, legalmente autorizada, para facilitarem a realização de operações de compra e venda de mercadorias, e para orientarem os agricultores e os comerciantes do estado do mercado no que diz respeito a preços.

São as Bôlsas de Mercadorias as instituïções que maiores benefícios podem prestar à economia nacional, e muito em especial à agricultura, por serem também as instituïções que melhor e mais eficàzmente podem contribuir para debelar a depressão de valores dos produtos portuguêses.

As mercadorias são negociadas nas Bôlsas na base de amostras ou de tipos estabelecidos, em quantidades nunca inferiores às que estão fixadas nos regulamentos especiais de cada mercadoria (a quantidade mínima de cereais é de um wagon—10 toneladas) e por intermédio de corretores nomeados pelo Govêrno, os quais se tornam responsáveis pelo exato e rigoroso cumprimento dos compromissos tomados pelos interventores numa operação.

Da efectivação dos negócios resultam as cotações e estas são publicadas num boletim privativo de cada Bôlsa, na imprensa dos principais núcleos comerciais e radiadas pelas estações emissoras nacionais. E' na rapidez com que se procede à difusão das cotações que as Bôlsas de Mercadorias vincam bem a sua função, fazendo em todo o País a sua acção benéfica e moralizadora.

Mas, não são apenas as cotações provenientes dos negócios fechados que as Bôlsas tratam de dar à publicidade: elas cuidam também de difundir as ofertas e as procuras constatadas nas suas sessões, as quais são, por vezes, bastante elucidativas, por exprimirem, com clareza, as tendências da mercadoria.

As Bôlsas de Mercadorias constituem pontos de reunião pública, mas nelas só são, todavia, admitidos a negociar os indivíduos ou firmas de comprovada idoneidade comercial e a sua frequência, por parte de comerciantes e produtores, é facultativa, pois uns e outros podem delegar num corretor a compra ou a venda das mercadorias que constam da lista em vigor (substâncias alimentícias e matérias primas), o qual assume toda a responsabilidade pela perfeita execução da operação de que foi incumbido.

O facto de os agricultores e os comerciantes poderem delegar nos corretores a realização dos seus negócios torna-se sumamente vantajoso, pois além de evitar o deslocamento aos locais onde as Bôlsas funcionam e as consequentes despesas e perdas de tempo, serve também para guardar no mais rigoroso segrêdo os nomes dos respectivos intervenientes que, por vezes, tão necessário é.

Outras são as vantagens que resultam da efectivação de negócios nas Bôlsas de Mercadorias:

— A comissão (corretagem) a pagar ao corretor é insignificante (um máximo de 1/2 por cento) em comparação à que geralmente é cobrada por indivíduos que exercem idêntica profissão, e sem as responsabilidades que sôbre aquêle impendem;

— A segurança de que gozam as operações de Bôlsa é de tal natureza que o Estado garante aos vendedores o pagamento das suas mercadorias e aos compradores a entrega dos lotes adquiridos, mercê duma perfeita legislação.

As ordens de compra e venda dadas a uma Bôlsa não implicam o pagamento de qualquer taxa quando não forem executadas, cobrando o Estado a taxa de 1/2 por mil sôbre o valor das operações realizadas.

A secretaria da Bôlsa de Mercadorias do Porto presta todas as informações que lhe forem solicitadas sôbre detalhes de funcionamento das Bôlsas, sendo apenas necessário o seguinte endereço: Bôlsa de Mercadorias do Porto—Palácio da Bôlsa—Porto.

Exames

—o—

Na Universidade de Coimbra terminaram por este ano os seus trabalhos escolares os nossos conterraneos Francisco do Vale Guimarães e David da Silva Cristo, transitando, respectivamente, para o 3.º e 5.º anos de Direito.

* * *

Fez há dias exame do 2.º grau, ficando distinta, a menina Isaura de Oliveira Maia e Silva, filha do sr. Antonio da Silva, 2.º sargento do D. R. R. n.º 19 e aluna da sr.ª D. Maria Lucinda de Vasconcelos Alvim e Manos, professora-regente da escola de Alumieira.

Felicitações a todos.

Alvíçaras

Dão se a quem comunicar a esta Redacção o paradeiro de uma pequena mala de mão, de couro, com capa de lona, contendo vários objectos de *toilette* de vestuário e de costura, que uma senhora, que no passado dia 11 embarcou em Cacia, no comboio n.º 24, saindo em Aveiro, deixou numa das carruagens.

Volta a Portugal

Os Combatentes da Grande Guerra srs. Antonio Carvalho Ventura, Joaquim Ferreira da Costa e José Vieira, que iniciaram em 9 de abril findo, a volta, a pé a Portugal, passaram nesta cidade.

Coisas e tal...

Abriu no pretérito domingo a exposição de trabalhos oficiais da Escola Industrial e Comercial de Aveiro.

Facto aparentemente banal, merece, no entanto, a atenção de todos os aveirenses, e uma visita demorada de toda a gente que deve avaliar e tomar conhecimento do valor daquele nosso estabelecimento de ensino.

Não citaremos trabalhos, pois são às centenas.

Dos alunos expositores, dos melhores representados aos que vacilantes e modestos trabalhos iniciais nos mostram, diremos que procuraram honrar os mestres, e que serão, em breve, uma fracção da alavanca conscientе que elevará Portugal ao nivel a que tem jús, para o que o ensino técnico concorre decididamente.

Os mestres em actividade devem estar satisfeitos. Deles vamos falar.

Desenho—José Dias, escultor, um novo cheio de talento e de boas qualidades. Honra o logar que veio preencher, não deixando afundar a obra há tantos anos sustentada pelo mestre Silva Rocha.

Os trabalhos dos seus alunos nolo demonstram, levando-nos ao dever de o cumprimentar, de lhe dizer que foi bemvindo.

D. Otilia Loureiro, Gervásio Aleluia, José Martins e Romão Júnior, respectivamente, trabalhos femininos, pintura cerâmica, talha e modelação, são nomes já bem nossos conhecidos e que há muitos anos honram aquela escola industrial.

Os trabalhos femininos, são de execução impecável e o nome de D. Otilia Loureiro é bem conhecido fóra mesmo da sua acção escolar. São obra sua as bandeiras da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, Camara Municipal, Recreio Artistico, etc. etc.

Gervásio Aleluia é um nome já feito dentro da cerâmica e por todo o país se encontram obras suas, quer em faianças, quer em azulejos. A sua oficina de pintura da Escola Industrial de Aveiro tem sido classificada por quem a visita de uma das melhores do nosso país.

José Martins, o mestre entalhador, que modela a madeira como se fôra barro, também um verdadeiro artista no seu oficio. Tem igualmente obras de talha por todo o país, e muitas casas de Aveiro estão enriquecidas com os maravilhosos móveis de seu fabrico.

Romão Junior, artista modelador, tem o seu nome ligado a bastantes obras de vulto das quais citaremos o monumento ao Cégo de Maio, na Povoa do Varzim.

Pela breve nota que ai fica, todo o aveirense que não visitou ainda a exposição da Escola Industrial e Comercial se sentirá com o dever de a visitar e avaliará, então, o valor palpável do ensino ali ministrado, não lhe regateando o carinho que lhe devemos todos.

A par do curso industrial, o curso comercial. A estas escolas cumpre a grande missão da cultura das classes médias e trabalhadoras, dando-lhes aqueles conhecimentos elementares indispensáveis para se distinguirem e exercerem o seu logar com consciência, competência e honestidade.

A visita à exposição deu-nos, assim, uma lição salutar.

O Govêrno, que está a dispensar ao ensino tecnico uma particular atenção, não se arrependerá.

O corpo docente deve regosijar-se com o exito obtido e por isso ao cumprimentar o seu atual director, sr. Julio Cardoso, peço licença para envolver o nome do seu antecessor, mestre Silva Rocha, para quem vão, também, os loiros, porque durante quarenta anos trabalhou infatigàvelmente pelo desenvolvimento da Escola, que, graças à sua inteligência, chegou ao estado que se vê e muito honra Aveiro.

Ac.

Missas de sufrágio

Foi rezada, quarta-feira, na igreja de Santo António, uma missa, sufragando a alma do saüdoso comerciante Manuel Maria Moreira, falecido há um mês.

Na igreja do Carmo tambem se celebrou ante-ontem a missa do 7.º dia por alma do sr. capitão Antonio Pedro de Carvalho cuja morte prematura impressionou bastante a cidade.

Assistiram as famílias e grande número de fieis.

Necrologia

Vitimado por uma hemorrogia cerebral finou-se no ultimo sabado Maria da Piedade Almeida, viuva, de 66 anos, cujo cadaver foi sepultado no cemiterio novo.

Era natural de S. Pedro do Sul.

* * *

Tambem deixou de existir, terça-feira, o industrial de sapataria Elmano Ferreira Jorge, casado, de 49 anos e que durante alguns meses se dedicou ás recovagens entre esta cidade e o Porto.

Fez parte da *Banda Amisade* cujos componentes o acompanharam, no dia seguinte, á ultimo morada.

* * *

Ante-ontem de tarde tambem sucumbiu aos estragos duma bronquite asmatica que o atormentava desde creança, o filho Fernando do sr. capitão Alberto Faria, comandante da secção da Guarda N. Republicana desta cidade.

O seu funeral realisou-se ontem com grande acompanhamento, tendo-se organisado diversos turnos desde a sua residencis, na Rua Almirante Reis, até o cemitério central.

Partilhâmos da dôr que compunge os pais e irmãs do inditoso moço, que desaparece com 22 anos apenas.

* * *

Em S. João da Madeira igualmente se finou com 79 anos o importante proprietario, sr. Benjamim José de Araujo, que foi o primeiro presidente da Camara do novo concelho e deixa o seu nome ligado a inumeras obras de benemerencia.

Era pai do sr. dr. Renato de Araujo, medico em Lisboa, a quem acompanhâmos, e á restante familia, no seu justo sentimento.

* * *

Faleceram mais: em *Verdemilho*, Manuel Gonçalves, de 16 anos, filho de Manuel Gonçalves Novo e em *S. Bernardo*, João Pereira Cámpos, casado, de 37 anos e Rosa Rodrigues da Silva, de 52 anos, casada com Augusto das Neves Pereira.

Correspondencias

Costa do Valado, 18

Tendo requerido a sua aposentação e sendo-lhe concedida, deixou de fazer serviço na estação telegrafo-postal de Aveiro, onde estava colocado, o nosso conterraneo e amigo, Ernesto Simões Maia, que foi sempre um funcionario zeloso e activo, merecendo a estima dos seus superiores.

Com os nossos parabens só lhe desejâmos que gose por muitos anos a situação que hoje disfrata.

C.

Esgueira, 18

O esteiro que serve esta localidade se não lhe acudirem no mais curto espaço de tempo, vem causar inumeros prejuisos a quantos se dedicam á industria dos adobos, em virtude de se não puderem fazer os respectivos carregamentos pela via fluvial.

Havendo verba, segundo consta, para aquêle melhorámento, é necessário que os trabalhos se iniciem.

—Concluiu a 5.ª classe dos licens, obtendo aprovação, o académico Augusto Henriques Pinheiro, filho do nosso amigo Luis Henriques Pinheiro, professor oficial nesta freguesia.

Felicitamo-lo.

—Fez ante-ontem anos o nosso amigo Manuel Marques da Loura; ámanhã fá-los a simpática tricaninha Celeste da Conceição Ramalho e no próximo sábado o filhinho do sr. Alvaro Ramalho.

Os nossos parabens.

C.

AUTOMOVEL

Vende-se um *Ouverland*, 4 cilindros, aberto, garantindo-se o bom funcionamento.

Falar com o *chaufeur* Leal.

Ministério da Agricultura

Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aqüícolas

2.ª Divisão

Faz-se público que na Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aqüícolas, no Edifício Nacional do Terreiro do Trigo, se aceitam propostas em carta fechada, até ás catorze horas do dia 3 do próximo mez de Agosto, para o fornecimento desde quinhentos a quarenta mil quilos de semente de pinheiro maritimo com asa, extraida em qualquer pinhal em bom estado de vegetação, achando-se desde já patentes as respectivas condições na referida Direcção e nas sédes dos Serviços Florestais na Marinha Grande, Figueira da Foz, Coimbra, Aveiro e Porto.

Lisboa, 11 de Julho de 1935.

Pelo Director Geral,

JOSÉ AUGUSTO FRAGOSO

Taberna

Passa-se nesta cidade, num bom local, muito afreguesada, por também fornecer comida.

Nesta Redacção se informa.

Cadela

Desapareceu uma, perdigueira, côr castanha, felpuda, dando pelo nome de *Carriça*. A quem souber o seu paradeiro pede-se para o comunicar a Roque Maio, Rua do Carril n.º 7, que pagará todas as despezas.

A todo o tempo procederá contra quem a retiver.

Sociedade por cótas

—o—

Por escritura pública lavrada nas notas do notário, desta cidade, dr. Assis Teixeira, em 28 de Março de 1935, foi constituida uma sociedade por cotas, de responsabilidade limitada, entre Manuel Maria Ramos e Ricardo Ferreira Sardo, com séde na Gafanha, freguesia da Nazaré, concelho de Ílhavo, a qual se rege pelas condições constantes dos artigos seguintes:

I

Esta sociedade adopta a denominação —*Auto-Viação Aveirense, Limitada*—e tem a sua séde na Gafanha, freguesia da Nazaré, concelho de Ílhavo.

II

O seu objecto é o transporte colectivo de passageiros, bagagens e mercadorias em camionetes e ainda a de qualquer indústria do comércio que resolva explorar.

III

A sua duração é por tempo indeterminado e para todos os efeitos o seu comêço se contará desde o dia primeiro corrente.

IV

O capital social é de sessenta mil escudos, dividido em duas cótas iguais, de trinta mil escudos cada uma, já integralmente realizado, pertencendo uma a cada sócio. A cota do sócio Manuel Maria Ramos é representada por três camionetes, uma número sete mil quatrocentos e noventa e oito, marca *Renault*; outra número doze mil trezentos e trinta, marca *Blitz* e outra número catorze mil cento e setenta e cinco, marca *Chevrolet*; e a do sócio Ricardo Ferreira Sardo é representada por duas camionetes da marca *Citroën*, uma com o número doze mil e vinte e cinco e outra com o número onze mil setecentos e quarenta e nove, estas com o valor de trinta mil escudos e aquelas em igual valor e cuja propriedade dos mesmos êles, outorgantes, trazem para a sociedade. Este capital póde ser aumentado, devendo o aumento ser resolvido por unanimidade.

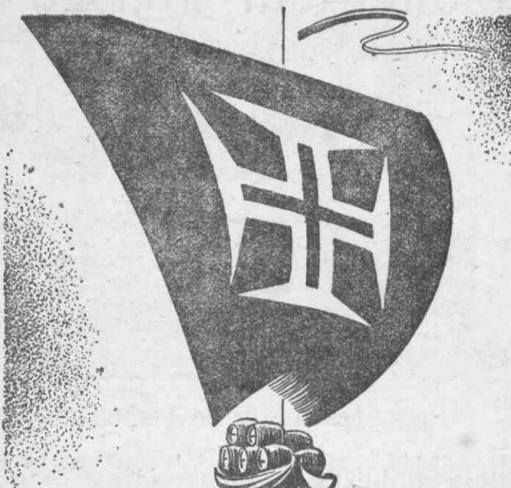
V

A cessão de cótas fica dependente do consentimento da sociedade, á qual é, em todo o caso, reservado o direito de opção; e na falta desta, pertence êsse direito aos sócios, ficando desde já êstes autorizados a dividir a sua cóta em duas, cuja metade cada um poderá ceder como entre si acordarem.

VI

É dispensada a autorização especial da sociedade para a divisão da cóta entre herdeiros de sócios falecidos, devendo, no entanto todos êles fazerem-se representar na sociedade por um só dêles.

VII

A gerência da sociedade pertence a todos os sócios, sem caução nem remuneração, podendo qualquer dêles representá la activa e passivamente, em juizo e fóra dêle. As deliberações que importem obrigações para a sociedade, só por unanimidade dos gerentes poderão ser tomadas, e a firma social será usada só e ùnicamente em negócios da sociedade e nunca em fianças, letras de favor ou outros actos, sob pena de aquêle que o fizer, incorrer na perda a favor dos outros, dos lucros que lhe pertencer, e responder por perdas e danos.

VIII

Anualmente se dará balanço, que se fechará em trinta e um de Dezembro, o qual se considera aprovado se contra êle não houver reclamações até 31 de Janeiro.

IX

Dos lucros líquidos apurados em cada balanço, sairão cinco por cento para fundo de reserva até que êste se ache completo, e o resto é dividido pelos sócios. Em tudo mais que é omisso, regula a lei aplicável de onze de abril de mil novecentos e um e legislação aplicável.

Aveiro, 20 de Julho de 1935.

O Ajudante do notário Dr. Assis Teixeira,

a) *José Robalo Lisboa Junior*

EDITAL

Deocleciano Augusto Trigo, Juiz das Execuções Fiscais do concelho de Aveiro:

Aos que o presente edital virem, ou dele tiverem conhecimento, faço saber, que no dia 28 deste mez e ano, pelas doze horas, no lugar de S. Jacinto, freguezia da Vera-Cruz, ha-de ter lugar a arrematação, para ser entregue ao maior lanço que fôr oferecido, dos bens penhorados á firma *Brandão Gomes & Companhia, Limitada*, na execução fiscal que lhe move a Fazenda Nacional e são os seguintes:

Uma linha de eixo com seis tambores;

Uma estufa com manometro;

Dois autoclaves com manometra;

Uma linha de eixo com quatro tambores;

Uma dita com dois tambores;

Uma ventoinha com corredor de madeira;

Vinte e quatro mesas de escorchar;

Uma prensa para espremer toutiço;

Um quadro de distribuição de bateria;

Sessenta vasos de vidro, idem;

Um cofre de ferro;

Um torno de bancada;

Um guindaste;

Um depósito de louza para agua doce;

Um dito para agua salgada;

Uma balança decimal de mil e quinhentos quilos;

Duas talhas de folha com torneira de metal;

Trez mesas de limpar latas;

Quatro balcões de pinho;

Duas mezas para pulpe;

Um armario de pinho para ferramentas;

Cinco maquinas Reinerts diversas;

Uma caldeira Fouche;

Um motor vertical Davey;

Uma bomba para agua doce;

Uma dita para agua salgada e

Um sino de bronze.

E para conhecimento de todas as pessoas que nos referidos bens queiram lançar, mandei passar o presente edital e mais dois deste teor, para serem afixados nos lugares do costume nos termos da lei, passando-se de tudo certidão em forma legal.

Tribunal das Execuções Fiscais do concelho de Aveiro, em 16 de Julho de 1935.

Eu, Carlos Rocha, escrivão deste Juizo, o subscrevi.

O Juiz das Execuções Fiscais,

Deocleciano Augusto Trigo

A fechar

Entre casados. Pregunta ela:

—Porque é que na Romenia pode um homem ser rei aos catorze anos e só pode casar depois dos dezoito?

—Porque é mais facil governar uma reino do que uma mulher.